

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

OBJECTOS LUSO-ROMANOS, SERRA DE SINTRA.

FERREIRA, O. da Veiga; TAVARES, J. Couto

Ano: 1954 | Número: 64

Como citar este documento:

FERREIRA, O. da Veiga; TAVARES, J. Couto, Objectos luso-romanos, Serra de Sintra.
Revista de Guimarães, 64 (1-2) Jan.-Jun. 1954, p. 23-30.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Objectos luso-romanos da Serra de Sintra

Por O. DA VEIGA FERREIRA
J. COUTO^E TAVARES

Os objectos apresentados nesta nota foram oferecidos a um dos signatários (Couto Tavares), e recolhidos em vários pontos da Serra de Sintra em escavações eventuais por trabalhadores empregados nas matas nacionais.

O conjunto é, todo ele, de grande interesse salientando-se, sem dúvida, as lucernas que formam um núcleo de grande raridade, em especial, as lucernas de tipo rã também chamadas de tipo egipcio-copta. Todo o material agora estudado faz parte das colecções do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal.

I — ARQUEOLOGIA DA REGIÃO

Sintra e seus arredores é de há muito conhecida como região excepcional e manancial inexgotável de achados arqueológicos de toda a ordem. Desde os tempos paleolíticos até ao recente, passando por toda a casta das mais variadas antigualhas, pode o arqueólogo encontrar motivos para o seu labor de investigador.

Ali se têm encontrado monumentos pré-históricos de grande valia com abundante espólio, monumentos epigráficos romanos, restos visigóticos, etc., etc. As colheitas de superfície, a atestar o que deve estar oculto, são de uma riqueza assombrosa, pena é, que não se dêem por parte do Estado, ou das entidades camarárias, mais facilidades materiais para que se proceda a escavações metódicas em vários pontos da Serra e arredores, a fim de se fazer um dia a monografia completa desse tão lindo rincão português, desde os tempos remotos de civilizações perdidas, até ao advento da nossa cristandade.

II — DESCRIÇÃO DOS OBJECTOS

1 — Lucerna romana de « terra sigillata » vermelha, sem marca de oleiro. *Discus* redondo e côncavo, ornamentado apenas por um crescente em relevo, circundado por uma moldura simples que limita o *discus* da *margo*. *Ansa* quebrada. *Rostrum* sub-triangular simétrico. Colo do *rostrum* com duas volutas simples. *Infundibulum* perfeito com fundo circular.

O orifício de alimentação do *oleum*, circular e bem centrado no *discus*. Orifício do *nasus*, *rostrum* ou *myxus* redondo, perfeito e bem centrado. Na base da gola ou gargalo apresenta um pequeno orifício. *Ansa* partida vendo-se metade do orifício desta.

Tipo British Museum (Cat. Walters), n.º 110 de Ferreira de Almeida. Tipo derivado das formas 84 e 85 do cat. de Walters (B. M.). Da época dos Cláudios até ao século II A. D.

Altura actual da *ansa* — 32 mm
 Comprimento total — 94 mm
 Orifício do *discus* — 7 mm
 Orifício do bico — 8 mm
 Altura da linha mediana do rebordo — 24 mm
 Comprimento do tempo — 58 mm
 Parte central do *discus* — 15 mm
 Largura mediana do tempo — 46 mm
 Círculo do *infundibulum* — 38 mm
 Espessura da *ansa* (base) — 10 mm
 Comprimento do *rostrum* — 28 mm

2 — Lucerna tosca de barro avermelhado, com fragmentos de calcário metidos na massa do barro. A parte terminal do *rostrum* não existe, vendo-se na parte superior metade do orifício da mecha. O *rostrum* é muito comprido tendo, a meio, na parte superior, uma zona arredondada e muito saliente. Asa lateral com profunda incisão, a meio. *Discus* circular e de grande diâmetro. O orifício é circundado por três sulcos concêntricos em relevo. A *margo* é ornamentada por duas espécies de incisões leves. As primeiras, mais longas, encontram-se duas de cada lado do *rostrum*; as segundas, na parte oposta ao *rostrum*, isto é, no local onde costuma existir a asa.

Entre as incisões longas dos lados do *rostrum*, existe uma fiada de outras incisões mais pequenas. São estas as únicas ornamentações da lucerna. O *infundibulum* assenta num fundo saliente com rebordo. No centro do fundo existe um selo constituído por uma roseta feita de pequenas incisões redondas. Vê-se muito bem o ajustamento da parte inferior com a superior da lucerna. Como se sabe, as lucernas eram moldadas. O molde ou forma (de barro especial bem cozido, ou de gesso), era duplo: uma das metades servia para moldar o tampo, cobertura do *rostrum* e *ansa*; a outra era para o *rostrum* e *infundibulum*.

Tipo rude derivado do tipo helenístico. Séc. III a IV a. C.?

Comprimento total — 109 mm
 Comprimento do tampo — 70 mm
 Comprimento do *rostrum* — 38 mm
 Diâmetro do orifício do *oleum* — 20 mm
 Altura mediana — 38 mm
 Diâmetro do círculo do *infundibulum* — 44 mm
 Largura mediana do tampo — 73 mm
 Largura da asa — 17 mm
 Comprimento da asa — 34 mm

3 — Lucerna pequena, completa, de barro avermelhado bem cozido. Asa lateral, orifício da mecha largo e comprido. *Rostrum* longo. *Discus* redondo com orifício de alimentação de grande diâmetro circundado por três círculos em relevo. Partes laterais da cobertura do *rostrum* em relevo. *Margo* ornamentada em toda a volta por uma série de incisões profundas, largas e paralelas. O *infundibulum* assenta num fundo redondo e saliente. Vê-se muito bem a ligação da parte superior da lucerna com a inferior.

Tipo rude derivado do tipo grego ou helenístico. Séc. II a III a. C.?

Comprimento total — 75 mm
 Comprimento do tampo — 45 mm
 Comprimento do *rostrum* — 33 mm
 Diâmetro do orifício do *oleum* — 14 mm
 Altura mediana — 25 mm
 Diâmetro do círculo do *infundibulum* — 33 mm
 Largura mediana do tampo — 48 mm
 Largura da asa — 10 mm
 Comprimento da asa — 20 mm

4—Lucerna de barro preto, brilhante, de tamanho médio, com duas pegas laterais pequenas. *Rostrum* comprido e delgado com orifício quase circular. A parte anterior do *rostrum* é alargada e espessa. *Discus* circular e convexo, com orifício para a mecha, redondo, circundado por dois círculos em relevo. *Margo* ornamentada com ramagens estilizadas e em relevo. Entre o orifício da mecha e o *discus* há uma depressão ornamentada com uma figura rude, estilizada. *Infundibulum* com bojo saliente formando aresta, assentando em fundo redondo e também saliente. Colo ou gargalo muito deprimido. Tipo helenístico (B. M.) cat. Walters n.º 49 aproximado. Séc. III a IV a. C.?

Comprimento total — 87 mm

Comprimento do tampo — 53 mm

Diâmetro do orifício do *oleum* — 10 mm

Altura mediana — 32 mm

Diâmetro do círculo do *infundibulum* — 36 mm

Largura mediana do tampo — 55 mm

Largura das asas ou pegas — 9 e 8 mm

5—Pequena vasilha de vidro opalescente branco com cores de irisação verdes-lilases. É liso com fundo bem pronunciado, bojo côncavo, bordos espessos.

Abertura — 66 mm

Altura — 19 mm

Diâmetro do fundo — 43 mm

Espessura no bordo — 3 mm

6—Pequeno vaso muito bem feito, com duas asas, bem cosido, cor vermelha semelhante no aspecto do barro à lucerna n.º 3 deste trabalho. Bordo com uma fractura moderna. Falta-lhe uma das asas. Bojo ornamentado na parte mediana por uma série de incisões sobrepostas e imbricadas. Fundo circular e saliente. Pelo fabrico, embora esmerado, parece ser de procedência indígena. Lem-

bra, em parte, uma imitação da cerâmica da Gália do Sul.

Abertura — 54 mm
 Altura — 64 mm
 Diâmetro do bojo — 68 mm
 Comprimento da asa — 45 mm
 Largura da asa — 18 mm
 Diâmetro do fundo — 31 mm

7 — Lucerna tipo rã, lâmpadas egípcias da época greco-romana, também chamadas tipo copta. Barro vermelho acastanhado claro. O tampo é ornamentado com uma rã estilizada incisa, e o *rostrum* curto e largo, com uma palma. Orifícios do *rostrum* e tampo circulares, regulares. Fundo raso com uma cercadura incisa de dois círculos. Séc. III A. D.

Comprimento total — 78 mm
 Largura do tampo — 65 mm
 Comprimento do tampo — 60 mm
 Altura mediana — 34 mm
 Comprimento do *rostrum* — 26 mm
 Orifício da mecha — 8 mm
 Orifício do tampo — 7 mm
 Diâmetro da base — 36 mm

8 — Mesmo tipo da anterior, mais rude, torta e mal feita. *Rostrum* mais aguçado e cónico. Base côncava com uma marca dentro dum círculo, constituída por cinco incisões em pentágono, com uma no centro.

O barro é castanho, tendo a parte inferior da lucerna, uma côr anegrada devido ao estar enterrada.

Comprimento total — 78 mm
 Largura do tampo — 65 mm
 Comprimento do tampo — 44 mm
 Altura mediana — 42 mm
 Comprimento do *rostrum* — 29 mm
 Orifício da mecha — 9 mm
 Orifício do tampo — 8 mm
 Diâmetro da base — 45 mm

9 — Mesmo tipo das anteriores, mas mais larga e arredondada com ornamentação mais incisa e grosseira. Barro branco amarelado com o *rostrum* negro do fumo. Base circular um pouco convexa, com um emblema que parece um A grosseiro com inclusão do M, também rude.

Comprimento total — 85 mm
 Largura do tampo — 76 mm
 Comprimento do tampo — 63 mm
 Altura mediana — 33 mm
 Comprimento do *rostrum* — 20 mm
 Orifício da mecha — 8 mm
 Orifício do tampo — 8 mm
 Diâmetro da base — 46 mm

III — CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como de princípio se assinalou, o conjunto estudado é realmente importante para o conhecimento da romanização de Sintra. Sobre as lucernas, o núcleo mais importante e numeroso, e em especial sobre as chamadas tipo rã, transcrevemos do esplêndido trabalho de Ferreira de Almeida o que ele estudou sobre estas curiosas lamparinas: «A rã era um emblema da ressurreição ou o próprio rio Nilo, vida de todo o Egipto. Ao contrário do que é de supor a boca da rã nunca aparece como orifício da mecha; também nos modelos clássicos com formas de animais, em que o *rostrum* é independente da conformação geral da lâmpada, é um elemento à parte, com forma própria. Estas lâmpadas foram estudadas especialmente por Sir Flinders Petrie, cujas conclusões foram criticadas por Robins que apresentou uma classificação geral nova para as lâmpadas egípcias da época greco-romana (v. F. W. Robins, CXIX, Plate, XIV)».

Os exemplares estudados por Ferreira de Almeida e pertencentes ao Museu Etnológico Leite de Vasconcellos, são muito próximos dos nossos, em especial do n.º 7. Ferreira de Almeida descreve-os assim: «Base circular relevada, com palma sobre sulco

transverso. Tampo convexo: o *discus* está reduzido à moldura do bocal. Na parte posterior do tampo estão representados os quartos trazeiros de uma rã, representação derivada de tipos em que o animal era representado inteiramente ou quase.»

Os exemplares do Museu Etnológico e os nossos pertencem segundo Ferreira de Almeida ao tipo J da classificação de Robins: «corpo bi-convexo (redondo) com o *rostrum* mais curto (ponta obtusa) que o das formas tipicamente gregas. Esta forma é em geral de barro vermelho ou castanho». Ferreira de Almeida acrescenta: «Segundo Sir Flinders Petrie, são lâmpadas egípcias de corpo redondo (em forma de D) e tampo convexo, da época greco-romana; o *rostrum* é decorado com uma palma e o tampo do tipo rã (século III A. D.). O *rostrum* saliente é de inspiração grega (tipo losango ou espalmado). Este grupo, caracteristicamente egípcio, não tem paralelo em qualquer outra parte, nunca se encontra fora do Egipto (Robins, obr. cit. p. 67). O tipo de rã híbrido, de *rostrum* semi-grego, deriva dos tipos de fabricação egípcia em que o animal era representado por inteiro ou parcialmente (patas, cabeça etc.), na forma ou na decoração das lâmpadas».

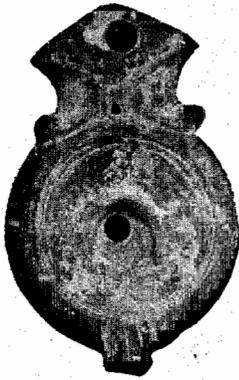
A lucerna n.º 9 do nosso estudo apresenta a mesma marca do n.º 226 estudada por Ferreira de Almeida: «fundo relevado, com marca que me parece um A com M incluso. As formas destes modelos revelam claramente a influência helenística».

As lucernas n.º 2, 3 e 4 revelam influência helenística e duas delas, a 2 e 3, serão talvez tipos derivados dos protótipos gregos. A terceira parece-nos um tipo de importação.

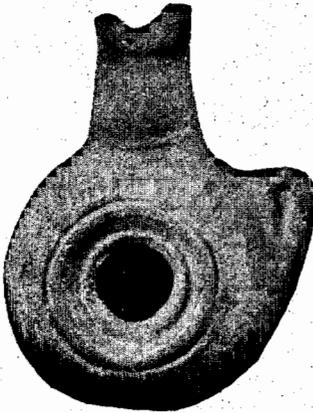
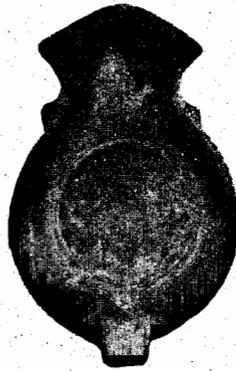
A n.º 1 é do tipo romano bem definido e apresenta características comuns à maior parte das lucernas encontradas no nosso País. Sobre a pequena vasilha de vidro e o minúsculo vaso de barro, fino e elegante, faltam-nos dados para os podermos datar com precisão. O vasinho de vidro parece-nos ser um produto púnico-romano. O vaso de barro parece-nos ser uma vasilha indígena de cerâmica vulgar, cópia dos vasos de «terra sigillata».

BIBLIOGRAFIA

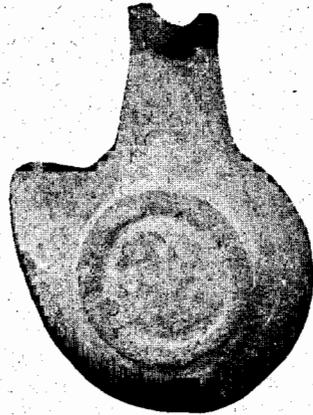
- Alvarez-Ossório, F. — 1942 — Lucernas o lâmparas antiguas, de barro cocido, del Museo Arqueológico Nacional. *Archivo Esp. de Arq.* n.º 49, Madrid.
- Alves Pereira, F. — 1914 — Por caminhos da Ericeira — *O Arch. Port.* vol. XIX, pág. 324, Lisboa.
- Apolinário, M. — 1896 — Necrópole neolítica do Valle de S. Martinho. *O Arch. Port.* vol. II, pág. 210, Lisboa.
- Bairrão Oleiro, J. M. — 1952 — Catálogo de lucernas romanas. Coimbra.
- Correia, Vergílio — 1938 — Arte visigótica. *História de Portugal*, vol. I, Barcelos.
- Ferreira de Almeida, J. A. — 1952 — Introdução ao estudo das lucernas romanas em Portugal. Lisboa.
- Gil Farrés, O. — 1947-48 — Lucernas romanas decoradas del Museo Emeritense. *Ampúrias*, vol. IX-X, Barcelona.
- Hübner, Emilio — 1869 — Corpus Inscriptionum Latinarum.
- Leite de Vasconcellos, J. — 1896 — Xorca de Ouro, *O Arch. Port.* vol. II, pág. 17, Lisboa.
- Mello Nogueira, A. — 1933 — Estação prehistórica de Olelas. Lisboa.
- Palol, Pedro de — 1950 — La colección de lucernas de cerámica procedentes de Ampúrias en el Museo Arqueológico Provincial de Gerona. *Mem. de los Museos Arq. Prov.* 1948-49, vol. IX-X, Madrid.
- Pelayo, Quintero — 1946 — Collección de lucernas — Museo Arqueológico de Tetuán (Marruecos). *Mem. de los Museos Arq. Prov.* vol. VI, Madrid.
- Ribeiro, Carlos — 1880 — Estudos prehistóricos em Portugal, II, Lisboa.
- Rich, Anthony — 1861 — Dictionaire des antiquités Romaines et Grecques. Paris.
- Teixeira, Carlos — 1945-46 — Minas romanas na Serra de Lousã. *Trab. da Soc. Port. Antrop. Etnol.* vol. X, fasc. 3-4, Porto.
- Veiga Ferreira, O. da — 1950 — Acerca duma pedra visigótica ornamentada. *Rev. Sind. Eng.º Aux., etc.* n.º 47-48, Lisboa.
- Veiga Ferreira, O. da — 1953 — O monumento prehistórico de Aqualva (Cácem). *Zephyrus* IV, Salamanca.



1

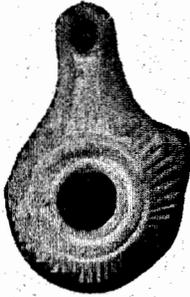


2

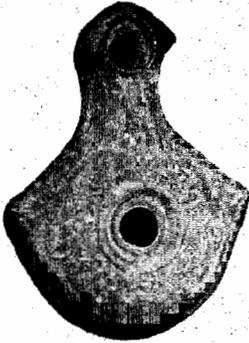


1 — Lucerna de «Terra sigillata» — Séc. I e II A. D.

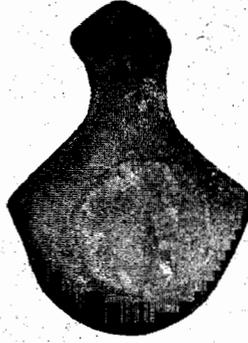
2 — Lucerna derivada do tipo helenístico — Séc. III e IV a. C.?



3



4



5



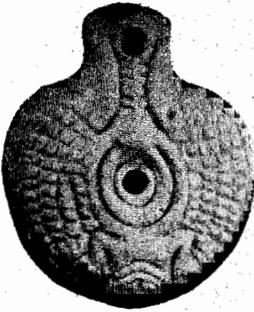
6

3 — Lucerna derivada do tipo helenístico — Séc. II e III a. C. ?

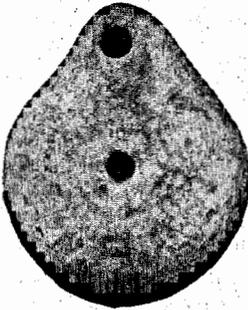
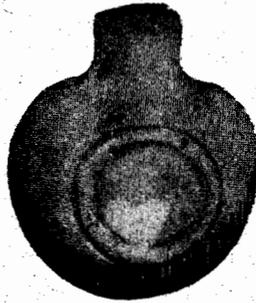
4 — » » » » » — Séc. III e IV a. C. ?

5 — Vasilha de vidro púnico-romana.

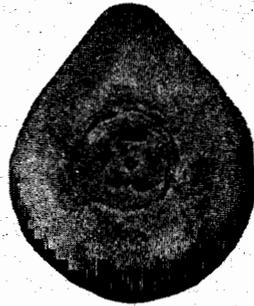
6 — Vasilho de barro imitação da «Terra sigillata».



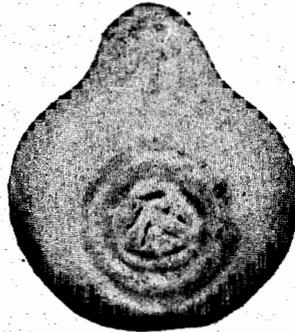
7



8



9



- 7 — Lucerna tipo rã egípto-copta — Séc. III A. D.
8 — Mesmo tipo mais rude.
9 — Mesmo tipo com marca no fundo.